



APRENDENDO A DESFAZER UM NÓ DE VÍBORAS: FRANÇOIS MAURIAC ENTRE TESES AGOSTINIANAS E PASCALIANAS¹

LEARNING TO UNTEND A VIPER'S KNOT: FRANÇOIS MAURIAC BETWEEN AUGUSTINIAN AND PASCALIAN THESES

Gerson Leite de Moraes²
Leonardo Delarrone Leite³

Resumo:

O presente artigo tem a finalidade de descrever e relacionar o pensamento de François Mauriac (1885-1870), especialmente o expresso no livro *Nó de Víboras*, com algumas teses teológicas e filosóficas de Agostinho de Hipona e Blaise Pascal. Através da literatura, o católico Mauriac, pretende fazer uma crítica ácida e realista ao que denomina de cristianismo burguês. Os personagens presentes em sua obra já mencionada representam as máscaras que podem existir num cristianismo que virou uma mera expressão ritualística. O processo de secularização que envolveu a Europa no contexto do século XIX e início do XX, está colocado como pano de fundo e a vida em uma sociedade, aparentemente cristã, não passa de mera bajulação, fingimento e adulação. Contudo, diante do desespero, da finitude e da tragédia da existência humana, Mauriac ressalta através do pensamento pascaliano e da filosofia agostiniana as possibilidades de superação do simulacro religioso. O mal, em todas as suas formas e expressões, só pode ser vencido se houver um enfrentamento real da situação e uma ressignificação do relacionamento com o sagrado, afinal, como dizia Mauriac, através de seu personagem principal, o *nó de víboras*, presente em cada coração humano e cada lar marcado pela hipocrisia, só pode ser desatado e cortado por aquele que veio trazer a *espada* à Terra, conforme relatam os Evangelhos.

Palavras-chave: François Mauriac. Cristianismo burguês. Nó de víboras. Agostinho. Pascal.

Abstract:

The purpose of this article is to describe and relate the thoughts of François Mauriac (1885-1870), especially that expressed in the book *Knot of Vipers*, with some theological and philosophical theses of Augustine of Hippo and Blaise Pascal. Through literature, the Catholic Mauriac intends to

¹ Enviado em: 17.09.2024. Aceito em: 05.08.2025.

² Licenciado em História pela UNAR, Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Bacharel e Licenciado em Filosofia pela FFLCH/USP. Mestre em Filosofia pela PUCCAMP, Doutor em Ciências da Religião pela PUCSP e Doutor em Filosofia pelo IFCH/UNICAMP. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atualmente realiza Pesquisa de Pós-Doutorado na área de História Antiga, sob a supervisão do Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari no IFCH/UNICAMP. É líder do Grupo de Pesquisa Religião, Memória e Cultura (REMEMORA).

³ Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Bacharel em Direito e Licenciado em História pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.. Membro do grupo de pesquisa "Religião, Memória e Cultura" (Orientado pelo prof. Dr. Gerson Leite de Moraes) do CEFT (Centro de Educação, Filosofia e Teologia da UPM). Graduando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP).

make an acidic and realistic criticism of what he calls bourgeois Christianity. The characters present in his aforementioned work represent the masks that can exist in a Christianity that has become a mere ritualistic expression. The secularization process that involved Europe in the context of the 19th and early 20th centuries is placed in the background and life in an apparently Christian society is nothing more than mere flattery, pretense and adulation. However, faced with despair, finitude and the tragedy of human existence, Mauriac highlights, through Pascalian thought and Augustinian philosophy, the possibilities of overcoming the religious simulacrum. Evil, in all its forms and expressions, can only be overcome if there is a real confrontation of the situation and a resignification of the relationship with the sacred, after all, as Mauriac said, through his main character, the *knot of vipers*, present in every human heart and every home marked by hypocrisy can only be untied and cut by the one who came to bring the *sword* to Earth, as reported in the Gospels.

Keywords: François Mauriac. bourgeois Christianity. Knot of vipers. Agostinho; Pascal.

Introdução

Em sua obra *Nó de Víboras*, Mauriac apresenta, sob a forma de um romance psicológico, uma concepção profundamente pascaliana da condição humana. Ele explora o drama de uma alma afundada no orgulho e na avareza, mas que, mesmo imersa nos efeitos alienadores do mal moral, ainda manifesta, de maneira latente, um anseio por salvação. Conhecido por perscrutar as nuances mais sombrias da psique humana, o romancista francês tem como empreitada fundamental tornar tangível e perceptível o universo católico do pecado, afastando-se de uma abordagem abstrata, geralmente associada à teologia dogmática. O próprio Mauriac se considerava um “metafísico que trabalha no concreto”.⁴ Assim, em sua produção literária, o pecado emerge como um tema crucial, e há um esforço subjacente de conceder ao pecador “carne e osso”, encarnando, de algum modo, o mal moral. No entanto, diferentemente dos clássicos vilões da literatura, os personagens de seus romances não são expressões de um mal radical, mas, sobretudo, de um mal banal e corriqueiro, com o qual o leitor é capaz de se identificar. Esse é um dos motivos pelos quais tais antagonistas, embora eticamente miseráveis e explicitamente medíocres, não são, em sua maioria, odiáveis.

Mauriac é amplamente lembrado como um grande romancista psicológico, cujas obras exploram a complexidade da alma humana, enfatizando suas dualidades, angústias e conflitos internos, mas também suas virtudes e lampejos de grandiosidade. Seus escritos gravitam em torno dos temas do pecado,⁵ da culpa e da redenção. Nesse sentido, sua produção literária é considerada eminentemente escatológica, pois os aspectos cotidianos da vida servem como pano de fundo para o confronto com questões últimas,

⁴ Cf. EMPERADOR, Julia. **El Burdeos de François Mauriac**. Disponível em: <https://www.lavanguardia.com/participacion/lectores-corresponsales/20220705/8384757/burdeos-francois-mauriac.html>. Acesso em: 15/08/2024. Mauriac afirma acerca de si próprio: “Sou um metafísico que trabalha no concreto. Tento tornar o universo católico do mal perceptível, tangível e odorífero. técnica própria. Essa é a verdade. Todo romance digno de ser chamado assim é como outro planeta, grande ou pequeno, que tem suas próprias leis, assim como sua própria flora e fauna”.

⁵ Cf. CARPEAUX, Otto-Maria. Mauriac? In: **Ensaio Reunidos**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

como a condenação, salvação e morte. A busca pela redenção e o caráter efêmero⁶ da vida humana são temas centrais na obra de Mauriac. A abordagem da profundidade psicológica de seus personagens reflete aspectos fundamentais da filosofia agostiniana, especialmente a cisão volitiva, a anterioridade do amor e a interioridade da Verdade.

[...] pode-se dizer que o caráter de sua obra é eminentemente escatológico. O romance, cuja matéria é a pessoa humana, tem duas grandes alternativas quanto à tonalidade que escolhe: ou insiste na substância da pessoa humana, descendo do espírito à matéria, dos conflitos ao sensível, da alma ao rosto, à roupa, aos gestos, e afirmando ontologicamente a singularidade e a unicidade de cada personagem; ou insiste no caráter peregrinal e fugitivo da vida e no confronto cotidiano com o destino, com as últimas coisas.⁷

Esse confronto com o destino reflete, em última análise, o enfrentamento das questões últimas da vida. A maneira como cada personagem lida com o destino revela, fundamentalmente, como cada um encara a realidade do mal—se afundando em seus efeitos sombrios ou, por outro lado, buscando a salvação. Embora o mal seja visto como um princípio destrutivo e devastador, paradoxalmente é concebido como uma realidade, uma contingência imanente à vida. “o Mal [...] é [...] o princípio oposto [...] à ordem natural, que está nos limites da razão. A morte, sendo a condição da vida, o Mal que se liga em sua essência à morte, é também, de uma maneira ambígua, um fundamento do ser” (Bataille, 1989, p. 27). Considerando a vinculação de Mauriac ao catolicismo, é mais pertinente afirmar que se trata de uma imanência à condição humana no pós-Queda. Distante de uma abordagem teológica abstrata do pecador, o romancista francês vê a literatura como o espaço mais adequado para expor o conflito entre a natureza humana e seus aspectos mais sórdidos e abjetos. Sob essa perspectiva, discorre Bataille (1989, p. 27): “[...] a literatura mais humana é o lugar privilegiado da paixão”.

Esta pesquisa tem como objetivo central estabelecer uma conexão entre a obra *Nó de Víboras* e as temáticas centrais da filosofia agostiniana e da teologia pascaliana, com foco no papel da graça, na compreensão da conversão, na cisão volitiva, nas análises psicológicas, especialmente no diálogo interno e na investigação introspectiva. Mauriac chegou a ser acusado de jansenismo, tamanha a influência do pensamento pascaliano em seus escritos. Ademais, ao explicitar a oposição entre o espiritual e o sensível, o romancista francês revela sua formação católica e sua afinidade com os filósofos cristãos que destacavam a interioridade humana. Ao enfrentar a questão moral – decorrente, em primeiro lugar, da caracterização das paixões humanas como elementos centrais do desenvolvimento narrativo de seus romances – ele inevitavelmente conduz a uma compreensão do pecado. Pierre-Henri Simon (1953, p. 77) chega a afirmar que é possível extrair dos escritos de Mauriac uma teologia do pecado, na qual seria até mesmo viável categorizar os tipos de pecadores.

Para Simon (1953, p. 77), a representação do mal nos romances do autor francês, além de incorporar uma compreensão agostiniana, também se vincula a uma interpretação humanista, na medida em que o mal, definido como carência e privação, aparece como ignorância. Nesse sentido, os personagens são conduzidos ao mal moral pela ignorância, por uma contingência, isto é, pelo desconhecimento do verdadeiro bem que suas almas necessitam. O pecado é qualificado como um engano, um equívoco. No

⁶ CORÇÃO, Gustavo. Mauriac e seus críticos. **Permanência.** Disponível em: <https://permanencia.org.br/drupal/node/568>. Acesso em: 15 Ago. 2024.

⁷ CORÇÃO, Gustavo. Mauriac e seus críticos. **Permanência.** Disponível em: <https://permanencia.org.br/drupal/node/568>. Acesso em: 15/08/2024.

entanto, os protagonistas possuem consciência do mal que praticam. Como bem aponta Gustavo Corção (2018), essa descida do espírito à matéria e da alma ao sensível é crucial para a estruturação de toda a obra de Mauriac. Essa descida será, posteriormente, um passo necessário para a ascensão. Somente os corações partidos, fragmentados, quebrados, ocultos e imersos em um corpo de lama possuem profundidade. O romancista francês não está preocupado com os cristãos que cumprem facilmente os ritos, cerimônias e formalidades. Pelo contrário, sua atenção está voltada para os moralmente medíocres e miseráveis, pois essa miséria é o indício de que precisam ser salvos por alguém, um sinal de que necessitam desesperadamente de redenção. Diante disso, Roger Martin du Gard, amigo de Mauriac, ao trocar correspondências com ele, chega a afirmar: “[...] acho engraçado, meu caro Mauriac, acho engraçado quando fazem de você um escritor do catolicismo. Não há obra de incrédulo ou ateu em que o pecado seja mais exaltado [...]. São livros que condenam os santos ao inferno!”⁸. Trata-se de uma empreitada de uma “representação literária do homem”, frisando sua dualidade e suas contradições. Verifica-se, até mesmo, uma certa “naturalidade”, que se manifesta numa avaliação espontânea e autêntica dos aspectos sombrios de sua própria escrita.

Acerca do mal representado em suas obras, Mauriac se pronuncia em uma crônica denominada *Roman Noir*, publicada no jornal *Le Figaro* (1952): “[...] surpreendo-me com a crítica da tenebrosidade que me dirigem. Acabo por me persuadir, às vezes, que a mereço. [...] continuo sem compreender que as pessoas possam considerar tão sombria uma representação da criatura humana”⁹. O verdadeiro conhecimento do homem pressupõe o reconhecimento de sua perversidade.

O conhecimento do homem é, também, a revelação da perversidade. É importante lembrar que o romance moderno tende a abranger toda a realidade humana e, segundo Mauriac, a exaltação de certa sordidez é justificada pela alteração na sensibilidade do novo sujeito, que não mais sentiria o mesmo asco e a mesma indignação de outrora para com a “matéria” humana, pois não mais se considera haver temas nobres.¹⁰

À luz das concepções acima apresentadas, será realizada uma análise da compreensão do mal na obra *Nó de Víboras*, dialogando, sobretudo, com a teologia agostiniana e a filosofia pascaliana. Além disso, será dada ênfase à noção de conversão e ao papel da graça como elementos que anulam a cisão volitiva e estabelecem a ordenação do amor. Essas reflexões serão desenvolvidas ao longo da exposição e dos comentários sobre os aspectos centrais do romance.

Nó de Víboras: Entre a redenção e a condenação

O drama de *Nó de Víboras* representa, fundamentalmente, um plano de vingança—uma tentativa do narrador, Luís, de retaliar contra sua esposa e filhos. Com exceção das páginas finais, o romance é constituído por cadernos autobiográficos, ou melhor, por uma carta que, gradualmente, adquire características próprias de um diário. A narrativa se desenvolve inteiramente sob a perspectiva da morte, já que o protagonista tem consciência de que seu fim está próximo. Nesse sentido, a morte se encontra sempre à espreita. Em razão disso, ele decide, num derradeiro ato de raiva, escrever uma carta cujo conteúdo serviria como uma vingança final contra seus familiares. Essa carta deveria

⁸ MAURIAC, 2012, p.245.

⁹ MAURIAC, 1999, p.348.

¹⁰ OLIVEIRA, EZARQUI, 2018, p.240.

ser entregue à sua esposa, assim que ele morresse, para que ela saiba o homem que ele foi, o “homem que ela nunca quis conhecer”. Luís, um advogado bem-sucedido, havia acumulado uma considerável fortuna ao longo de sua vida. No entanto, não deseja deixar seus bens como herança para sua família, pois sente desprezo por eles. Mas afinal, de onde surge esse ódio? As primeiras partes do romance esclarecem as origens desse desamor, que se revela como um profundo autodesprezo. A vingança de Luís era direcionada ao desamor de seus filhos e de sua esposa. Mauriac faz questão de revelar o quanto a alma de Luís estava tomada pela raiva, evidenciada pelo seu lamento por não poder viver tempo suficiente para testemunhar a reação de todos ao descobrirem que não receberiam a tão desejada herança. Eis aí o gosto pela vingança.

O velho que me tornei tem dificuldade para imaginar o doente furioso que eu era há pouco, alguém que passava noites não mais a arquitetar a vingança (essa bomba de efeito retardado já estava montada com uma minúcia que me orgulhava), mas a buscar os meios de poder gozá-la. Eu gostaria de viver o suficiente para ver com que cara voltariam do banco. O objetivo era não lhe dar cedo demais a procuração para abrir o cofre, dá-la suficientemente tarde para ter a derradeira alegria de ouvir as perguntas desesperadas: “Onde estão as ações?” Eu tinha então a impressão de que nem a mais atroz das agonias estragaria em mim esse prazer.¹¹

Um aspecto interessante da obra é que Luís possui um autoconhecimento profundo. Ele sabia que seus desejos eram monstruosos, e a consciência do mal que o habitava era evidente. Sua visão aguçada de si mesmo permitia-lhe transcender o fingimento e a hipocrisia. Luís era enfático e cristalino em suas ambições, desejos e projetos. “A habilidade do autoengano, que ajuda a maioria das pessoas a viver, sempre me faltou. Nunca senti nada de abjeto que não me chegasse antes ao conhecimento”¹². Esse é um dos motivos pelos quais, apesar de sua mediocridade, Luís não é odiável—ao menos aos olhos do leitor. O que o narrador afirma sobre seus filhos é, em grande medida, verdadeiro. A veracidade de suas reflexões é confirmada nas páginas finais do romance, quando o leitor se depara com uma carta de Hubert, filho de Luís, endereçada a Geneviève, sua irmã. Ao concluir a leitura dessa carta, comprova-se a autenticidade das observações do narrador sobre o caráter de seu filho. Em suma, a visão absurdamente clara de si caminha ao lado do remorso, do ódio e do desamor que ele mesmo sente. Ele tinha consciência tanto de seus defeitos como de suas carências. Por exemplo, Luís desejava sinceramente que Isa, sua esposa, lesse sua carta. No futuro, Isa teria contato com a carta, e, após a leitura, seria tomada pela culpa. Sendo assim, ela se sentiria absurdamente mal, mas incapaz de se desculpar, já que Luís estaria morto.

Quero que saiba, quero que saibam, você, seu filho, sua filha, seu genro, seus netos, que homem era esse que vivia sozinho diante de seu grupo fechado, este advogado exaurido que se devia preservar, pois ele era dono da bolsa, mas que sofria em outro planeta. Que planeta? Você nunca quis ver.¹³

Luís acusa Isa de completa indiferença por ele e pelo casamento. Segundo ele, ela sempre se escusou de qualquer conversa profunda acerca do relacionamento conjugal. O que Isa sentia era profundo tédio, vivendo, desse modo, num mundo de mero fingimento e formalidades. “[...] é de outra espécie de silêncio que quero me vingar: o silêncio em que você se obstinava quanto à nossa relação, ao nosso desacordo profundo [...] Durante esses quarenta anos em que sofremos lado a lado, você encontrou forças para evitar

¹¹ MAURIAC, 2004, p.12.

¹² MAURIAC, 2024, p.17.

¹³ MAURIAC, 2024, p.16.

qualquer conversa profunda, sempre mudou de assunto”.¹⁴ Não obstante, apesar de representar, aparente e voluntariamente, um ato de vingança, pode-se, num segundo momento, qualificar tal empreitada como um ato de amor. Afinal, ele ainda sentia, em seu âmago, a necessidade de se revelar para aquela mulher de algum modo. Luís quer se fazer conhecido para Isa. Já aí se manifesta um indício, ainda que mínimo, de um desejo por um amor verdadeiro.

Ademais, um aspecto interessante desse exercício de recapitulação que Luís está exercendo, é o fato de que a sinceridade consigo mesmo é melhor explicitada diante da perspectiva da morte. “A morte não virá sorrateiramente. Ela ronda ao meu redor há anos, eu a ouço, sinto seu hálito; ela é paciente comigo, que não a desafio e me submeto à disciplina imposta por sua aproximação”.¹⁵ Como ele está paralisado em razão de contingências físicas e problemas de saúde, pode desempenhar melhor esse exercício de investigação introspectiva. Desse modo, Mauriac parece se valer aqui da ideia pascaliana de divertimento, compreendido como “todo e qualquer empreendimento que seja capaz de evitar que reflitamos a respeito de nossa deplorável condição”.¹⁶ Sob essa perspectiva, o homem se encontra sempre num processo de fuga, visto que deseja a todo custo uma maneira de se esconder da triste realidade acerca de si próprio. Por esse motivo, a atividade reflexiva do autoconhecimento é penosa e pressupõe um recolhimento da vida ordinária e corriqueira. “Não ocorre a muitas pessoas encontrar na realidade, ao alcance do olhar, esse mundo que a maioria delas só descobre em si mesmas quando têm a coragem e a paciência de recordar”.¹⁷ Talvez, a raiz da grande infelicidade de Luís esteja, aparentemente, na consciência de que sua vida não se afasta desse divertimento, tão apontado por Pascal. O narrador sempre possuiu uma visão aguçada de si mesmo, de sua miséria, do vazio de sua ambição, bem como da mediocridade de sua avareza obsessiva. Em última análise, o personagem narrador compreende que seus empreendimentos não passam de um divertimento.

Deixe-se um rei a sós, [...] a pensar em si totalmente à vontade, e ver-se-á que um rei sem divertimento é um homem cheio de misérias. Assim, evita-se isso cuidadosamente e nunca falta ao redor da pessoa muita gente que cuida de fazer com que o divertimento suceda aos negócios e que fica a observar o seu tempo de ócio para fornecer-lhe prazeres e jogos de modo que não haja nenhum vazio. Quer dizer que eles são cercados de pessoas que têm um maravilhoso cuidado para evitar que o rei fique sozinho e em estado de pensar em si, sabendo perfeitamente que ele ficará miserável, muito embora seja rei, se pensar em si.¹⁸

Em vista disso, Pascal afirmava que o homem é incapaz de se confrontar, ou seja, ele não consegue encarar a si mesmo de forma verdadeira. O indivíduo evita refletir sobre si próprio, principalmente porque, ao fazê-lo, é inevitavelmente confrontado com sua fragilidade e impotência. Dessa forma, ele é tomado pela insegurança e pelo medo de perder suas posses, seus familiares, amigos e seu bem-estar físico. Em suma, o homem não consegue encarar sua própria finitude. Qualquer indivíduo que se encontre sozinho consigo mesmo será tomado pela melancolia dilacerante, vendo ascender das profundezas de sua alma “o negrume, a tristeza, a aflição, o despeito e o desespero”.¹⁹ Nesse sentido, ele se prostrará diante do tédio. A impotência dos bens terrenos, a

¹⁴ MAURIAC, 2024, p.15.

¹⁵ MAURIAC, 2024, p.18.

¹⁶ MANTOVANI, 2017, p.82.

¹⁷ MAURIAC, 2024, p.17.

¹⁸ PASCAL, 2005, p.56.

¹⁹ PASCAL, 2005, p.268.

temporalidade do material, a finitude das ambições e a incompletude deixada pela satisfação contínua dos prazeres provocam tédio e despertam uma melancolia dilacerante. A busca incessante por bens passageiros revela um ciclo inexorável de constante insatisfação. Quando esses bens são alcançados, a atenção do coração²⁰ se volta para outros objetos, almejando sempre novos desafios a serem superados. Esse é o interminável processo do esforço humano em busca da plena realização. No fim, tudo isso não passa de mero divertimento; em última instância, os projetos humanos são apenas distrações do tédio e de si mesmo. “[...] o tédio pascaliano não deve ser entendido como uma insatisfação momentânea [...], mas sim como angústia profunda [...] é a doença de que sofre todo aquele que, ao refletir, percebe o absurdo de sua existência”.²¹ Por mais que Luís compreenda sua miséria e suas deficiências, afirmando a mediocridade de suas ambições e de avareza obsessiva, ou seja, por mais que tenha consciência que tudo não passa de uma distração, isso não o escusa do tédio. Na realidade, conforme será abordado posteriormente, nem mesmo sua esposa poderia ter lhe dado o que ele de fato desejava. A consciência de que os projetos humanos não passam de um divertimento não afasta o tédio. O plano de vingança de Luís era uma distração, mas ele estava ciente de que isto não passava de um mero divertimento. Afinal, todas essas empreitadas não passam de tentativas de fuga do tédio existencial. Sob essa perspectiva, discorre Gérard Lebrun:

Quem é que não ouviu falar ou não fala do “divertimento” pascaliano? Neste vale de lágrimas, é impossível ao homem permanecer em repouso: ele meditaria, nesse caso, sobre a infelicidade de sua condição e a morte que o espreita - e esse pensamento é tão insuportável que lhe é necessário fugir-lhe e lançar-se à caça, no *business*, à guerra, ao amor [...] Todo “divertimento” é preferível ao repouso.²²

Ao descrever sua infância e adolescência, o narrador relata o aumento progressivo do patrimônio familiar. Ele era filho de uma mãe viúva que havia herdado extensões de terras pouco férteis. Para aumentar seus rendimentos, a economia era rigorosa. Quando seu pai ainda era vivo, a família comprou um vinhedo (Calèse) por 40 mil francos. Ainda criança, o narrador foi acometido por hemoptise, o que prejudicou seus planos de ingresso na École Normale. Ao lembrar sua juventude, ele o faz com grande desgosto, ressaltando que foi um período escasso de ânimo e vivacidade. Nessas incursões em seu passado, é possível vislumbrar uma das origens de seu autodesprezo. Como ele assustava as pessoas quase que naturalmente, passou a ser desprezível voluntariamente, ou seja, de forma consciente. Isso corroía suas forças e o incomodava profundamente, mas, em sua concepção, ser desprezível deliberadamente era a única alternativa para não se entregar ao desespero total. “Só a minha aparência desalentava as pessoas. Quanto mais consciência eu tinha desse fato, mais me enrijecia. Nunca soube me vestir, escolher uma gravata, fazer seu nó. Nunca soube relaxar, nem rir, nem fazer loucuras”.²³ Desse modo, sua juventude “não passou de um longo suicídio. Eu me

²⁰ Pode-se afirmar que o “coração” ocupa uma posição central na epistemologia de Pascal. Esse conceito é objeto de debate entre os comentadores. Alguns o interpretam como uma dimensão da alma, responsável por fornecer aos homens os princípios fundamentais do conhecimento e da moralidade. Contudo, essa interpretação não é consensual, já que outros estudiosos não veem o coração como a instância que esclarece os primeiros princípios. Uma visão mais precisa, que se alinha mais diretamente à influência da filosofia agostiniana sobre Pascal, entende o coração como a parte de nós que nos leva a amar algo, sendo essa a sua verdadeira função.

²¹ MANTOVANI, 2017, p.84.

²² LEBRUN, 1983, p.15.

²³ MAURIAC, 2024, p.30.

apressava a desagradar de propósito por medo de desagradar naturalmente”.²⁴ Quando ingressou na Faculdade de Direito, seu ódio de classe aumentou, visto que demonstrava sentimentos de hostilidade aos seus colegas de turma. Em sua maioria, eram filhos de famílias cristãs e educados por jesuítas, ao passo que Luís era neto de um pastor de rebanhos e foi educado em um liceu. Ainda que os encarasse com desprezo, pois eram “intelectualmente inferiores”, ele os inveja por seu prestígio e patrimônio. “Invejar seres que desprezamos é uma paixão vergonhosa, capaz de envenenar toda uma vida”.²⁵ Além disso, grande parte do ódio de Luís era direcionada à religião, que se manifestava, fundamentalmente, como um fingimento ou um “cristianismo burguês”, dominado por meras formalidades, ritos e cerimônias; sem qualquer profundidade. Esse ódio encontra suas origens na vivência que teve na Faculdade de Direito. A despeito de seus rancores pessoais, Luís se tornou um bom advogado, profissionalmente bem sucedido e reconhecido por sua competência.

No entanto, em determinado momento, todo esse desamor quase foi vencido. O autodesprezo quase foi superado. O narrador reconhece que poderia ter sido salvo, mas acabou frustrado. Embora causasse espanto inicial em qualquer pessoa, alguém que o amasse verdadeiramente seria uma prova de que a vida não se resumia ao desgosto, à solidão e à melancolia. Quem deu indícios de um amor verdadeiro foi Isa, que seria sua futura esposa. Ela pertencia a uma família “burguesa, hierarquizada e organizada”.²⁶ Inicialmente, ele tinha fé no amor de Isa, tinha esperança de que seu amor era genuíno e autêntico. “O que contava era minha fé no amor que você tinha por mim. Eu me refletia em outra pessoa, e minha imagem assim refletida nada apresentava de repulsivo. Num momento de deliciosa distensão, eu desabrochava”.²⁷ Na realidade, como será abordado posteriormente, o que Luís esperava da esposa nenhum ser humano poderia lhe dar. Portanto, sob certa perspectiva, culpar outra pessoa por sua danação não é uma postura justa. Ainda assim, o narrador, em sua sinceridade, admite que o amor de Isa poderia tê-lo salvado.

Cada frase que você dizia separava-os mais um pouco, e você não se deu conta de nada. Sua memória, atulhada por mil lembranças fúteis, nada reteve daquele desastre. Pense que você, que afirma acreditar na vida eterna, implicou e comprometeu a minha própria eternidade naquela noite. Pois nosso primeiro amor me tornara sensível à atmosfera de fé e adoração em que sua vida se banhava. Eu a amava e amava os elementos espirituais de seu ser.²⁸

No entanto, ainda durante a lua de mel, sua esposa lhe confidencia que no passado nutria sentimentos por outro rapaz, mas que o relacionamento não foi bem-sucedido. Ao ouvir esse relato, ele se deu conta de que Isa se casou com ele apenas como resultado de uma frustração anterior,²⁹ ou seja, sua paixão por ele era, no fundo, uma ilusão. Seu próprio casamento então não passava de um fingimento, era um matrimônio fracassado. Isa foi uma excelente mãe, não uma boa esposa. Ela era capaz

²⁴ MAURIAC, 2024, p.30.

²⁵ MAURIAC, 2024, p.33.

²⁶ MAURIAC, 2024, p.23.

²⁷ MAURIAC, 2024, p.44.

²⁸ MAURIAC, 2024, p.58.

²⁹ Isa tinha receio de que, com o avanço da idade, o casamento se tornaria gradativamente uma hipótese remota. “[...] você ficara com este infeliz, porque ele estava ali, naquele ano em que sua mãe, aflita com o avanço da idade, se convencerá de que a filha não era ‘casável’, porque você não queria nem podia continuar solteira mais seis meses, porque ele tinha dinheiro bastante para que isso fosse desculpa suficiente aos olhos da sociedade” (MAURIAC, 2024, pp. 66-67).

de tudo pelos seus filhos. Tratava-se, ao que consta no relato do narrador, de uma obsessão. “Não estou sendo injusto. Você nunca amou o dinheiro, a não ser por causa dos filhos. Você me assassinaria, talvez, para enriquecê-los, mas, por eles, tiraria o pão da própria boca”.³⁰ O casamento se perpetuava tão somente em razão dos filhos. Começava aí a longa era de silêncio e indiferença.³¹ Como tudo era um fingimento, ele odiava cada vez mais seus filhos e esposa. A honestidade explícita de Luís consigo mesmo também se manifestava na precisão com que julgava os outros: ele rejeitava a hipocrisia religiosa. A discrepância que percebia entre a prática cotidiana da religião e os preceitos que observava em sua esposa e filhos lhe provocava raiva e um profundo incômodo. Ademais, não suportava um cristianismo meramente formal, restrito às normas. Por exemplo, como pode alguém se preocupar em não comer carne às sextas-feiras, mas tratar o próximo com desdém? Ao menos ele era honesto em suas intenções e ambições. Ele sabia quem era e não fingia o contrário.

Não obstante, mesmo em seus momentos de raiva e autodesprezo, Luís reconhece a existência de certos “canais de graça” em sua vida miserável. Esses canais foram pessoas que o amaram verdadeiramente, mesmo quando ele não amava a si próprio. A primeira dessas personagens foi Maria, sua filha mais nova, que demonstrava uma piedade tão doce e natural, cuja característica sublime de seu caráter encantava Luís. Ela se sentava em seus joelhos e não manifestava um sinal de desprezo ou medo. “Era a única que não me irritava [...] havia um fervor tocante, uma brandura de coração para com os criados, os meeiros, os pobres [...] Ela vinha espontaneamente sentar-se em colo, à noite”.³² No entanto, ela veio a óbito. Apesar da tristeza, Luís admite que sentia a presença de sua filha falecida, guardando em seu coração todos os momentos preciosos que viveu com ela, os quais lhe proporcionavam um conforto existencial.³³ O segundo

³⁰ MAURIAC, 2024, p.53.

³¹ Luís é enfático em culpar Isa pela indiferença que imperava no casamento. Ele desprezava até mesmo os seus filhos. “Você deixou de me ver; de fato, literalmente, só tinha olhos para as crianças. Fecundando-a, eu tinha cumprido aquilo que você esperava de mim. Enquanto as crianças não passavam de larvas, e eu não me interessava por elas, não houve por que nascerem conflitos entre nós. Só nos encontrávamos naqueles gestos rituais em que os corpos agem por hábito, em que um homem e uma mulher estão a mil léguas de sua própria carne” (MAURIAC, 2024, p. 75).

³² MAURIAC, 2024, pp.105-106.

³³ Ao longo da narrativa, Luís revela gradualmente indícios e pistas de sua conversão, indicando, ainda que de forma sutil, sua iminente redenção. Um desses sinais é o sentimento de permanência que ele nutria em relação à sua filha falecida. De certa forma, ele ainda percebia a presença dela. Essa experiência reflete o ideal agostiniano de que aquele que ama o próximo em Deus nunca o perde verdadeiramente. O Bispo de Hipona diz algo no livro IV das *Confissões*, constatando que a amizade nasce de uma afinidade de caráter, é construída com o tempo, engloba intimidade e crescimento moral, e, por fim, o regozijar-se mutuamente da companhia. Para Agostinho, a amizade é uma espécie de linguagem natural, uma relação não-verbal. Se o amor pelo amigo é um amor pela amizade, essa amizade se perpetuará, a despeito das contingências da temporalidade. De certo modo, tal assertiva pode ser utilizada para se referir à relação entre Luís e sua filha mais nova.

Ao se referir aos seus amigos, o pensador cristão discorre: “Havia outras coisas neles, que minha alma preferia: conversar e rir juntos e comprazer um ao outro afetuosamente, ler juntos livros de suave elóquio, brincar juntos e juntos ficar sérios, discordar de vez em quando sem ódio, como um homem consigo mesmo, e misturar essa discórdia raríssima com frequentes concórdias, ensinar um ao outro e aprender um do outro, desejar quem se ausentava com nostalgia, receber quem chegava com alegria. Esses sinais e outros semelhantes procedem do coração de quem ama e é amado, através da boca, da língua, dos olhos e de mil movimentos agradabilíssimos, como combustíveis para derreter as almas e de muitas vezes fazer uma só. Isso é que amamos nos amigos, e o amamos a tal ponto que a consciência humana se sente culpada se não ama quem responde ao seu amor, ou não responde ao amor de quem a ama, nada mais pedindo daquele corpo senão sinais de afeto. Daí o luto se alguém morrer, e as trevas da dor, e o coração encharcado de uma doçura que se transforma em amargura, e a morte de quem vive pela vida perdida dos que morrem. Feliz quem te ama, e ama o amigo em ti, e o inimigo por tua causa. Porque só não perde algum ente

personagem é o Padre Ardouin, um sacerdote próximo da família de Luís. Em um momento de tristeza e culpa, o padre se aproxima do narrador e inicia uma conversa, confessando-lhe ações das quais se arrepende amargamente. Diante dos constrangimentos expostos pelo padre envergonhado, Luís não o repreende nem o acusa de falsidade. Pelo contrário, demonstra uma certa indiferença em relação à confissão. Inusitadamente, o padre o elogia por ser um bom homem. Luís ri dessa afirmação, mas, posteriormente, reconhece no sacerdote uma fidelidade ao Evangelho, enaltecendo sua autenticidade.

Aqui, cabe uma digressão. Um dos méritos de Mauriac consiste em transparecer, nas almas virtuosas, as inclinações mais baixas contras as quais lutam, ao passo que expõe, nas almas mais medíocres e vis, pequenos momentos de grandiosidade e nobreza de caráter. Ademais, é importante destacar que Luís, em última análise, está realizando um exercício de confissão. Ele descreve a si mesmo com tanta precisão e sinceridade que, às vezes, acaba traindo seus propósitos originais e revela aspectos positivos sobre si mesmo. Essa compreensão estabelece uma correspondência com o ideal agostiniano de confissão como ato de purificação. O hábito de contar a verdade sobre si mesmo tipifica uma forma de purificação. O ato de dizer a verdade também constitui uma prática da verdade, que, por sua vez, implica uma aproximação da Verdade como princípio do conhecimento. É importante ressaltar a correspondência significativa entre dizer a verdade sobre si e o conhecimento de si. Como será dito posteriormente, um dos fatores que favoreceu a redenção de Luís foi justamente a veracidade consigo mesmo. A consciência de sua mediocridade representa, de certo modo, uma postura de humildade, que surge como fruto da consciência da própria miséria e finitude, enquanto a confissão da verdade sobre si mesmo reflete a compreensão de sua realidade temporal.

Nesse sentido, todo fingimento irritava profundamente o personagem. Ainda que de modo obscurecido e pouco manifestável, ele possuía um apreço pela verdade, uma característica que será de grande valia na sua redenção. O apreço pelo que é verdadeiro favorece a aproximação com o princípio da Verdade, o Sumo Bem. Esse é um ideal agostiniano explícito na obra de Mauriac. Para Agostinho, a Verdade é condição prévia e pressuposto do próprio conhecimento. A Verdade precede o ser, a própria existência e a linguagem. Para o Bispo de Hipona, a Verdade é a estrutura do pensamento e do conhecimento. A razão julga conforme os critérios da Verdade, e não o contrário. Tamanha é a importância da anterioridade da Verdade para Agostinho que a demonstração da existência de Deus está indissociavelmente ligada à demonstração do princípio da Verdade. O desejo natural pela verdade é inseparável do desejo pela felicidade e por Deus. Aliás, pode-se dizer que, em Agostinho, há um duplo entendimento da verdade: o primeiro a compreende como princípio do conhecimento, anterior ao próprio pensamento; o segundo refere-se à verdade como correspondência, concernente ao plano discursivo, ou seja, à harmonia entre linguagem e ontologia. A verdade é sempre universal;³⁴ somente a mentira é particular. Talvez, o desejo pela veracidade, tão notório

querido quem os ama todos naquele que nunca é perdido [...] Ninguém te perde, senão quem te abandona, e ao te abandonar, aonde vai, aonde foge, senão de tua benevolência para tua cólera?" (AGOSTINHO, 2017, pp. 105-106).

³⁴ Agostinho reitera o caráter inescapável do compromisso humano com os dois tipos de verdade, afirmando que "a mentira é uma iniquidade que leva a alma à morte e não deve ser admitida nem mesmo em prol da salvação temporal de alguém" (AGOSTINHO, 2021, p. 18). O amor à verdade possui uma normatividade deontológica: amar a verdade é amar a Deus. Se minto para salvar a minha vida ou a vida terrena de outrem, estou demonstrando que amo mais a realidade temporal do que a Deus. Mentir implica a perda da vida eterna, pois ao mentir apego-me a um bem inferior, isto é, à vida temporal, em detrimento dos bens superiores: a divindade beatificante e a vida eterna. "Porque a boca que mente mata a alma, não o corpo. As Escrituras são muito claras: a boca que mente mata a alma. Não se considera

em Luís, tenha sido o que lhe possibilitou, posteriormente, a sua salvação do ódio que tanto o acometia.

Um fato interessante na narrativa de *O Nó de Víboras* é a primazia da mentira e do fingimento. Quase todos mentem e se entregam ao fingimento. O cristianismo da maioria é precisamente um cristianismo burguês, sobretudo, porque sobrevive de meras formalidades. Não usufrui de profundidade ou seriedade, apenas encobre vícios e misérias. Parece que a mentira se torna o fundamento da ordem social. Aliás, o próprio narrador chega a se questionar se o fato de ter vivido em profunda solidão encontra suas raízes em sua visão aguçada sobre os outros e em sua autenticidade, ou seja, em sua sinceridade brutal para consigo mesmo.

Pensava na minha vida, olhava minha vida. Não, não se nada contra tal corrente de lama. Eu tinha sido um homem tão horrível que não contava um único amigo. Mas, pensava, não será por ter sempre sido incapaz de me mascarar? Se todos andassem sem máscara como eu andei durante meio século, talvez fosse surpreendente haver, entre as pessoas, diferenças de nível tão pequenas. Na verdade, ninguém avança de rosto descoberto, ninguém. A maioria arremeda grandeza e nobreza. Sem saberem, todos se amoldam a tipos literários ou outros. Os santos sabem disso; eles odeiam e desprezam a si mesmos porque se enxergam. Eu não teria sido tão desprezado se não tivesse sido tão exposto, tão aberto, tão nu.³⁵

Pascal apresenta uma perspectiva interessante. Para ele, o homem é um animal eminentemente mentiroso. Mentir para si mesmo não é somente uma questão de hábito, mas uma condição necessária da trágica e miserável existência humana, de uma existência sem Deus. O indivíduo decaído dirige um amor infinito e desproporcional a si mesmo. Não obstante, ele mesmo sabe que tal admiração por si mesmo é falível e precária, haja vista a discrepância entre a infinitude desse sentimento e a finitude do objeto amado. Por esse motivo, cada indivíduo se vale de um eu imaginário, com todas as qualidades desejáveis e sem vícios desprezíveis. Nesse sentido, toda a vida em sociedade não passa de mera bajulação, fingimento e adulação.

A natureza do amor-próprio e desse eu humano está em não amar senão a si e em não considerar senão a si. Mas, que fará ele? Não poderá impedir que esse objeto de seu amor seja cheio de defeitos e de misérias; quer ser grande. Vê-se pequeno; quer ser feliz, vê-se miserável; quer ser perfeito, vê-se cheio de imperfeições; quer ser objeto do amor e da estima dos homens, e vê que seus defeitos só merecem aversão e desprezo [...] quer dizer que coloca todo cuidado em encobrir os próprios defeitos tanto aos outros como a si mesmo e que não pode tolerar que os façam ver ou que os vejam.³⁶

Finalizadas as digressões, é preciso retornar aos personagens que demonstraram uma piedade natural e que serviram como “canais de graça” para Luís. A terceira é a irmã de Isa, Mariette, que acabara de se tornar viúva. Num momento de fragilidade e carência afetiva, ela transpareceu certa abertura àquele homem solitário a avarento, que acabou atuando como uma figura paterna a ela, acolhendo-a amigavelmente. Ela era divertida,

extrema perversidade que alguém precise morrer espiritualmente para viver corporalmente? O amor ao próximo tem seu limite no amor a si mesmo, como foi dito: ama o próximo como a ti mesmo. Como, então, alguém ama o próximo como a si mesmo ao proteger a vida temporal do outro, já não o ama como a si mesmo, mas ama-o mais do que a si mesmo, uma vez que foi além da sã doutrina" (AGOSTINHO, 2021, p. 19). Em seu escrito *Sobre a mentira*, Agostinho nos coloca diante de situações difíceis e controversas para reafirmar que devemos sempre optar pelo bem e evitar negociar com o mal.

³⁵ MAURIAC, 2024, p.269.

³⁶ PASCAL, 2005, pp.423-428

alegre e espontânea. Luís gostava das conversas que compartilhava com Mariette. Sua autenticidade e espírito de leveza também o encantavam. Por fim, há a figura de seu sobrinho, Lucas. “O único ser no mundo, aquele menino, para quem eu não era um bicho-papão”.³⁷ A piedade de Lucas não tinha nenhum artificialismo, era puramente natural e espontânea. “Naquele ser todo instinto, que ia crescendo, o que mais me impressionava era a pureza, a ignorância do mal, a indiferença”.³⁸ No entanto, seu sobrinho acabou partindo de sua presença para participar como combatente na Grande Guerra (1914-1918). Desse modo, o que restou à Luís era o sentimento de presença, a lembrança e a memória dos momentos doces e sublimes com os quais compartilhou com ele.

Apesar das vivências com esses personagens, que atuaram como canais de graça, o testemunho da verdadeira virtude, embora necessário, não foi suficiente para aplacar o ódio do homem avarento e solitário. No entanto, à medida que ele avança em sua jornada de recapitulação da própria vida, reconhece que a recusa ao cristianismo já não era tão enfática em seu coração. Assim, existia a possibilidade, ainda que remota, de sua conversão, a chamada “tentação cristã”. Em um momento de profunda introspecção, Luís confessa que, nos instantes de maior lucidez, ou seja, quando está mais ciente de sua miséria e, por isso, mais entregue ao desespero, seu coração se torna mais inclinado ao cristianismo. Esse exercício confessional representa um ato de esperança: é como se ele dissesse que, caso sua mente fosse tomada por uma angústia profunda e desesperadora, e, apesar da tristeza paralisante, surgisse um sinal de caridade ou esperança genuína, ele se agarraria a esse indício de bondade. Se Luís tivesse mais amor-próprio, ele resistiria com mais facilidade à pressão da tentação cristã. A falta de autoestima, combinada com a escassez de autenticidade e autoaceitação, surgem como obstáculos significativos. O caminho religioso, para ele, aparece mais como uma consequência de pressões – tanto externas quanto internas – do que uma escolha genuína. Externamente, essa pressão vem da sociedade, que estabelece a cosmovisão cristã como uma espécie de *status quo*. Internamente, as angústias e tristezas que afligem o ser humano constantemente conduzem o coração ao sentimento de transcendência. Além disso, Luís reconhece que, se ele fosse capaz de se menosprezar sem segundas intenções, poderia resistir melhor à imposição dessa tentação cristã. Assim, ele admite que, apesar de estar consciente de sua mediocridade, seu autodesprezo não é autêntico e genuíno. Isso faz com que ele sofra profundamente, manifestando, de certa forma, um desejo subjacente de autopiedade e validação através do desprezo.

[...] ao contrário, é quando me olho, como faço há dois meses, com uma atenção mais forte que minha repulsa, é quando me sinto mais lúcido que a tentação cristã me atormenta. Já não posso negar que existe em mim um caminho que poderia me levar ao seu Deus. Se conseguisse ter mais gosto por mim mesmo, combateria melhor essa imposição. Se pudesse me desprezar sem segundas intenções, a questão estaria entendida de uma vez por todas. Mas a dureza do homem que sou, a medonha indigência de seu coração, esse dom que ele tem de inspirar ódio e criar o deserto em torno de si, nada disso prevalece contra a esperança. Será que acredita em mim, Isa? Talvez não tenha sido por vocês, os justos, que seu Deus veio, mas por nós.³⁹

Ao expor a angústia que corroía o coração de Luís, Mauriac se vale de um ideal de Kierkegaard, presente em sua obra *O desespero humano*. De modo contrário a um otimismo temperamental e ordinário, o desespero deve ser afirmado, ainda que

³⁷ MAURIAC, 2024, p.148.

³⁸ MAURIAC, 2024, p.149.

³⁹ MAURIAC, 2024, pp.158-159.

lamentado, já que é por meio dele que a salvação pode ser obtida por um preço alto. Jamais se deve pagar pouco pela transcendência. Como bem diria Santa Teresa de Jesus, “é justo que muito custe o que muito vale”. O contrário da esperança até pode ser um entusiasmo superficial ou uma alegria imprudente, mas jamais a tragédia. Para Kierkegaard, “o desespero é aquela doença a respeito da qual é o maior infortúnio não tê-la contraído; é realmente providencial contraí-la, embora ela seja a mais perigosa de todas as doenças se a pessoa não quiser ser curada dela”.⁴⁰ Embora possa soar estranho aos olhos da ética teleológica das virtudes, pode existir um grande mérito se tornar capaz de abnegar a esperança. Em última análise, é precisamente a capacidade de desesperar o benefício derradeiro, ou seja, a posição privilegiada da humanidade em relação aos animais, um tipo de *felix culpa*, cuja ausência acarretaria a privação da dimensão espiritual nos homens. Os desesperados desejam arduamente a independência, mas são confrontados com sua impotência e fragilidade.

Os desesperados almejam ser independentes, mas não conseguem alcançar essa condição; e isso, por si só, é um índice negativo de esperança que, como sói acontecer, aponta para o ego indestrutível do qual eles são incapazes de tomar posse [...] é uma forma conhecida de elitismo espiritual encontrada o tempo todo, de Baudelaire a Graham Greene. De acordo com esse ponto de vista, a maioria dos homens e das mulheres [...] são excessivamente vazios espiritualmente até mesmo para serem condenados. Se eles conhecessem melhor Satã, poderiam conhecer um pouco de Deus. Só pessoas dotadas de uma individualidade diferenciada são capazes de reconhecer como esse ego está baseado na eternidade, mas essa individualidade autêntica é difícil de conseguir.⁴¹

Desse modo, para alcançar uma transcendência genuína é preciso ter vivenciado e experimentado o desespero mais paralisante.⁴² O verdadeiro arrependimento pressupõe ter sido capaz de se desesperar num dado momento da vida. Segundo Kierkegaard: “é preciso passar por todas as negatividades; é exatamente como diz a velha história a respeito de quebrar um determinado feitiço: ele não será quebrado até a peça ser tocada do começo ao fim de trás para a frente”.⁴³ O irrompimento da vida espiritual exige uma passagem da consciência pela experiência do desespero e da negatividade. “É preciso desesperar com toda a intensidade, desesperar ao máximo, para que a vida do espírito possa irromper de baixo para cima”.⁴⁴ Assim como o personagem Luís, os indivíduos que vivenciam o desespero servem como testemunhas de sua empreitada de uma inspeção do espírito, ou seja, de uma análise eminentemente introspectiva. Desse modo, eles superam os moralistas, aqueles que testemunham tão somente um “cristianismo burguês”. Novamente, Mauriac ressalta sua ideia central: apenas os corações afundados e escondidos num corpo de lama têm história e complexidade. Aqueles que cumprem os ritos, liturgias e cerimônias de forma tão corriqueira e habitual estão desprovidos de uma dimensão genuinamente humana. Cristo veio para aqueles que estão afogando no lamaçal da angústia. “Só as pessoas suficientemente resolutas para se apropriar de seus egos eternos podem enfrentar a perspectiva de perda absoluta, e, ao fazê-lo, revelar um

⁴⁰ KIERKEGAARD, 1989, p.56.

⁴¹ EAGLETON, 2023, pp.170-171.

⁴² Ao mesmo tempo que trabalha com a ideia de desespero, o corpus Kierkegaardiano, principalmente nas obras heteronímicas, valoriza a possibilidade de sair dos vários estágios marcam a existência de uma pessoa, tais como o estágio estético, o ético e o religioso. Em todos eles, a possibilidade de mudança se dá através de um “salto”, que exige uma postura decidida em corajosa. Para maiores informações, ver MORAES, Gerson Leite de. **O Salto da Fé em Kierkegaard**. Revista Phrónesis, Campinas, v.4, n.1, p.107-122, jan/jun, 2002.

⁴³ KIERKEGAARD, 1989, p.74

⁴⁴ KIERKEGAARD, 1989, p.91.

espírito digno de ser salvo [...] o desespero se torna tão valioso quanto o paraíso”.⁴⁵ É quando se encontra no fundo da lama que o homem sente a nostalgia de Deus. Por esse motivo, embora miserável moralmente, isto é, ainda que desprovido de virtudes ordinariamente enaltecidas, Luís não é um personagem odiável.

No entanto, após reconhecer e confessar que existe em seu coração uma inclinação para a fé cristã, ele se depara com sua família discutindo os planos para o acesso ao seu patrimônio. Seus filhos planejam interdita-lo, facilitando, assim, a melhor distribuição da herança. Isso endurece o coração de Luís, acendendo a ira e o ódio em seu íntimo, fazendo ferver o desejo de vingança. Pode-se dizer que o exercício contido na obra expressa uma alternância entre a clarividência e a cegueira pelo rancor, ou melhor, um movimento pendular entre uma vontade latente pela mudança de seu coração e o desejo pela vingança. Assim, a história avança, enquanto Luís refinava seu plano de retaliação contra sua esposa e filhos. Todavia, ele se depara com uma reviravolta repentina e inesperada, que possibilitará sua redenção.

Conversão e Redenção: o desatamento do nó de víboras

Como bem apontado anteriormente, a carta que Luís estava escrevendo, cuja estrutura se organizava em torno de cadernos autobiográficos, deveria ser entregue, após a sua morte, para sua esposa, Isa. Nessa carta, ainda que revestida de ódio e requintes de crueldade, ele manifestava algo de bom acerca de si, embora essa não fosse sua intenção primária. De todo modo, por força maior do destino, Isa falece antes de Luís. Assim, todo o relato construído até aqui, ou seja, seu empreendimento de vingança e o esforço em esclarecer seus sentimentos e angústias, jamais alcançará o destinatário original. Ao receber a notícia do falecimento de sua esposa, Luís é tomado por um profundo desnorreamento. Afinal, entre ele e Isa, as coisas se encerraram de maneira terrível. Ela morreu sem nunca conhecer as nuances e os conflitos que perpassavam o coração de seu marido, e ele não teve a oportunidade de demonstrar o mínimo de afeto a Isa em seus momentos finais. Diante do túmulo de sua esposa, Luís confessa seus sentimentos:

E repetia, como um ator em busca do tom correto: “Porque não pude lhe dizer adeus...” E essas palavras banais, que só tencionavam salvar as aparências e me haviam ocorrido por fazerem parte de meu papel na cerimônia fúnebre, despertaram em mim, com súbita força, o sentimento que elas expressavam; era como se eu tivesse informado a mim mesmo aquilo de que eu ainda não me dera conta: nunca mais voltaria a ver minha mulher; entre nós não haveria mais explicações; ela não leria estas páginas. As coisas ficariam eternamente no ponto em que as deixara [...] Nós não poderíamos recomeçar, refazer tudo em novas bases; ela tinha morrido sem me conhecer, sem saber que eu não era apenas aquele monstro, aquele carrasco, e que em mim existia outro homem. Mesmo que eu tivesse chegado no último minuto, mesmo que não tivéssemos trocado uma só palavra, ela teria visto as lágrimas que agora corriam pelas minhas faces, ela teria partido levando a visão de meu desespero.⁴⁶

A partir desse trágico acontecimento, Luís começa a repensar e recapitular suas ações, não mais com crueldade ou ira, ou seja, não mais buscando justificar sua maldade e vingança, mas reconhecendo seu erro e admitindo sua parcela de culpa pela situação em que a família se encontrava. O que Luís dizia sobre a avareza e insensibilidade de

⁴⁵ EAGLETON, 2023, p.171.

⁴⁶ MAURIAC, 2024, pp.236-237.

seus filhos não era falso, mas ele podia tê-los amado a despeito disso. Assim, aos poucos, o processo para o desatamento do nó de víboras se inicia. O primeiro passo foi o reconhecimento de que, ao longo desses anos, ele nunca amou verdadeiramente aquilo que seu coração almejava. Passou a vida inteira mergulhado em intrigas familiares, submerso nos efeitos tétricos da avareza, nas cavilações movidas pela vingança e em um sofrimento angustiante. No entanto, não era isso que ele realmente amava. Luís percebe que se enganou quanto ao objeto de seu amor. “Sempre me enganei quanto ao objeto de meus desejos. Não sabemos o que desejamos, não amamos o que acreditamos amar”.⁴⁷ Mas afinal, o que o impedia de buscar o verdadeiro objeto de seu desejo? Era esse nó de víboras, que não representava a totalidade de seu coração, mas que o fechava e o aprisionava. Seu coração estava coberto e envolto por esse nefasto e poderoso nó de víboras. Ele se agarrou a esse nó de víboras, confundindo-o com o seu coração, um mundo, até então, sepultado.

A luz do poente tinha dificuldade para abrir caminho até esse mundo sepultado. Eu sentia, eu via, eu tocava meu crime. Ele não cabia inteiro naquele hediondo ninho de víboras – ódio a meus filhos, desejo de vingança, amor ao dinheiro –, mas em minha recusa a ir buscar além daquelas víboras enlaçadas. Eu me limitara àquele nó imundo como se ele fosse meu próprio coração, como se os batimentos desse coração se confundissem com aqueles répteis fervilhantes. Não me bastara, ao longo de meio século, nada conhecer em mim além do que não era eu: tinha feito o mesmo em relação aos outros.⁴⁸

Nesse sentido, ao admitir sua parcela de culpa e reconhecer que se enganara quanto ao verdadeiro objeto de seu amor, o nó de víboras começa a se desfazer. Ele deixa sua herança para os filhos, desfazendo-se de suas posses. Consegue se libertar dessa avareza obsessiva. No entanto, Luís também reconhece sua impotência para desfazer completamente esse ninho de répteis fervilhantes que envolvia e sufocava seu coração. Há um breve reconhecimento de que apenas aquele que “veio trazer não paz, mas a espada” seria capaz de desatar definitivamente esse nó tão poderoso, que o sufocava e o afundava em uma peçonha destrutiva. O narrador chega a admitir isso ainda durante a vida de Isa, quando ele arquitetava sua vingança e confundia seu coração com esse nó de víboras.

Ah! Não creia de modo nenhum que faço uma ideia elevada demais de mim mesmo. Conheço meu coração, este nó de víboras: sufocado debaixo delas, saturado de sua peçonha, ele continua batendo sob aquele fervilhar. Esse nó de víboras que é impossível desatar, que seria preciso cortar com faca, com espada: “Não vim trazer a paz, mas a espada”.⁴⁹

A concepção supramencionada se fortalece quando Luís afirma sobre si mesmo: “Levei sessenta anos para construir este velho que agora agoniza cheio de ódio. Sou o que sou e não outro. Oh, Deus, se de fato existisses!”.⁵⁰ Nesse sentido, o narrador parece confessar sua total impotência em alcançar a redenção. Aqui, ele parece dizer: “Se existe um Deus, que me ajude.” Ao ressaltar a incapacidade e insuficiência do personagem no processo de desatamento do nó, Mauriac transparece seu catolicismo, reverberando teses agostinianas e pascalianas acerca do amor e da conversão. Sob essa perspectiva, serão esclarecidos os temas abordados pelos filósofos acima destacados que dialogam

⁴⁷ MAURIAC, 2024, p.253.

⁴⁸ MAURIAC, 2024, p.262.

⁴⁹ MAURIAC, 2024, p.159.

⁵⁰ MAURIAC, 2017, p.113.

com as passagens aqui mobilizadas do *Nó de Víboras*. Em especial, será atribuído um destaque para a cisão volitiva, a doutrina da graça e a anterioridade do amor.

Todos anseiam por amor. Dentro da narrativa, o próprio Luís reconhece que seu amor estava direcionado ao objeto errado. Dessa forma, a questão não é a necessidade do amor, mas sim a forma correta de direcioná-lo. É essencial saber o que amar. Destarte, cabe uma pequena ponderação sobre o que vem a ser o amor no Bispo de Hipona, retomando uma de suas concepções básicas sobre o desejo e anterioridade do amor. Deve-se ter em mente que, no bojo da produção teórica agostiniana, amor é desejar uma coisa por ela mesma. Uma das primeiras e singulares experiências de Santo Agostinho consiste na anterioridade do amor.

A primeira forma de amor humano reside no chamado “amor ao amor”:⁵¹ “eu ainda não amava e amava amar”. A primeira coisa que o homem deve amar é o amor ao ser, que reside no nível ontológico. O objeto do amor da criatura racional é aquilo que a projeta além de si mesma. Por isso, os indivíduos buscam incessantemente paixões, bens efêmeros e prazeres sensíveis, revelando, no final, que as coisas finitas e temporais não conseguem satisfazer a alma. Nessa busca por realização, a criatura racional se entrega à inquietação. No meio das turbulências dessa inquietação, ela permanece insatisfeita e angustiada, ciente de que está atrás de algo que parece sempre fora de alcance. No entanto, apesar da aparente impossibilidade de completude da alma, existe um bem imutável: o Criador do Universo. O bem atemporal é Deus, infinito e eterno, possuidor da plenitude e grandeza absolutas. Somente Deus pode satisfazer plenamente o desejo da criatura por amor. Nesse sentido, Deus é o “obscuro objeto do desejo”, que os homens buscam incessantemente, muitas vezes de forma inconsciente. Assim, o desejo natural de felicidade do homem reflete, na verdade, a busca por Deus, “a fonte dispensadora do alimento da alma”, o bem imutável que pode conferir estabilidade. Além disso, é fundamental destacar que, na teologia filosófica agostiniana, o amor é compreendido como um princípio ontológico que fundamenta e organiza os preceitos éticos e políticos responsáveis pela promoção do bem comum e da felicidade pública. Nesse sentido, discorre Marcos Roberto Nunes Costa:

[...] o princípio ontológico que gera todos os fundamentos ético-políticos capazes de garantir a felicidade do homem (individual e social), em uma dimensão teológico-sobrenatural, é o amor (bem ontológico), que por sua vez, está fundamentado no duplo preceito da caridade: “Amarás o senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente, e ao próximo como a ti mesmo” (Mt 22, 37). Esse amor terá a dupla função de constituir tanto o peso e a medida de todos os fundamentos ético-morais do homem.⁵²

Na obra teórica de Agostinho, é evidente uma profunda relação entre amor e medo. O medo só surge em relação àquilo que amamos, portanto, o medo pressupõe o amor. Em vários momentos, como nas *Confissões*, Agostinho associa o mal ao medo. Nesse contexto, a ausência de medo seria a fonte de todas as virtudes, atuando como um meio para afastar os desejos libidinosos. Assim, ao eliminar o vício do medo, o homem expurga todos os vícios. Embora Agostinho faça essa afirmação provisória, essa visão será posteriormente questionada. Em essência, a ausência de medo se traduz na indiferença em relação ao que se pode perder.

⁵¹ O amor é entendido como um movimento em direção a algo. Agostinho, em um momento posterior, enfatiza que é necessário orientar o desejo para o próprio amor. É preciso amar o amor a Deus e amar o amor ao próximo. Embora o amor seja um apetite intelectual, ele ainda permanece um apetite.

⁵² COSTA, 2009, p.14.

Um autor estoico poderia concordar com essa análise. Contudo, Agostinho prossegue e não se contenta apenas com o amor ao destemor. Surge a pergunta: deve-se amar apenas o viver sem medo com prudência e inteligência, ou também o próprio amor deve ser amado? Nesse caso, o sujeito do amor se torna objeto do próprio amor? É possível amar o Amor por si mesmo, independentemente do objeto amado? Ademais, o que realmente amamos no amor? A resposta está em amar aquilo que nos projeta além de nós mesmos. Assim, ao amar o amor, amamos o Ser em sua totalidade, a plenitude do ser. O amor, portanto, tende a transformar o amante no objeto amado. Apenas o amor a Deus, ao Ser Supremo, o primeiro princípio, pode proporcionar verdadeira felicidade ao homem. Para superar o medo, Agostinho introduz o temor de Deus. Inicialmente, o Bispo de Hipona sugere que, para não ter medo, é suficiente amar o desmedo. Contudo, ele conclui sua explanação reiterando que o verdadeiro temor deve ser dirigido a Deus. O desejo por esse bem eterno está implantado no coração do homem, visto que a verdade também é interna. Para Agostinho, a Verdade é transcendente e imanente. "A Verdade (Deus) é, ao mesmo tempo, interior, por estar presente em nossa mente (na alma), e transcendente, por ser universal, pois está presente em todos os homens e não pertence a nenhum em particular".⁵³ Uma das passagens mais memoráveis do Bispo de Hipona acerca da anterioridade do Amor se encontra no livro X das *Confissões*:

Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei. Mas eis: estavas dentro e eu estava fora. Lá fora eu te procurava e me atirava, deforme, sobre as formosuras que fizeste. Tu estavas comigo, mas eu não estava contigo. Mantinham-me longe de ti coisas que, se não estivessem aqui, não seriam. Chamaste e clamaste e quebraste minha surdez; faiscaste, resplandeceste e expulsaste minha cegueira; exalaste e respirei e te aspirei; saboreei e tenho fome e sede, tocaste-me, e ardo na tua paz.⁵⁴

Além disso, o Bispo de Hipona faz uma distinção crucial entre fruição e uso. Enquanto a fruição é o amor reservado ao Bem Supremo, o uso é destinado aos bens inferiores. "O uso (...) é uma forma de amor que não se acalma totalmente na posse do objeto desejado, mas ainda quer mais, a saber, o Sumo Bem (...) eterno e imperecível".⁵⁵ A fruição do Sumo Bem é a caridade, o amor perfeito.

O amor, pois, de todos os bens criados exige uma referência a Deus como condição do bom uso deles, dos quais pode-se gozar ou usar com deleite, mas sem pôr neles o último fim. Se no uso dos bens criados falta a relação com o Criador, que é sua fonte e seu fim último, eles se convertem em bens absolutos, quer dizer, em ídolos que ocupam o lugar de Deus [...] Dessas duas formas de adesão ou movimento nascem a divisão do amor em *caritas* e *cupiditas*, que são fundamentais na antropologia e na espiritualidade agostinianas. São as raízes da qual procedem os bens e os males [...] *caritas* e *cupiditas* expressam a vida afetiva dos homens, que são bons ou maus segundo seus amores.⁵⁶

Destarte, a caridade pressupõe uma ordem no amor; ou seja, o amor genuíno implica uma submissão à transcendência, por meio da qual o homem reconhece que todas as coisas devem ser usadas em função da beatitude e da bem-aventurança, ou seja, do regozijo em Deus. Ademais, Agostinho rejeita e condena aqueles que, apesar de fazerem o bem ao próximo, almejam, em última instância, obter uma vantagem pessoal posterior. Assim, a caridade pressupõe uma hierarquia no amor: o amor verdadeiro envolve uma submissão à transcendência, na qual o homem reconhece que todas as

⁵³ COSTA, 2024, p.31.

⁵⁴ AGOSTINHO, 2017, p.281.

⁵⁵ BRACHTENDORF, 2020, p.111.

⁵⁶ CAPANAGA, 1974, p.288.

coisas devem ser usadas em função da beatitude e da bem-aventurança, encontrando alegria em Deus. Além disso, Agostinho critica e condena aqueles que, embora façam o bem ao próximo, buscam, em última análise, uma vantagem pessoal. Em seus comentários sobre o Pai-Nosso e o sermão da montanha, o Bispo de Hipona esclarece:

Amiúde até os pensamentos das coisas necessárias à vida nos enfraquecem e maculam a vida interior; e amiúde nos introduzem a duplicidade no coração, a ponto que o bem que fazemos aos homens, não o fazemos com o coração que Deus nos pede, quer dizer, fazemo-lo não porque os amamos, mas porque desejamos obter deles alguma vantagem para atender às necessidades da vida presente. Não obstante, temos de fazer-lhes o bem por sua salvação eterna, não por nenhum proveito temporal nosso. Deus nos incline, portanto, o coração para seus ensinamentos, e não para a vantagem própria.⁵⁷

Sob essa perspectiva, o amor desordenado apenas gera inquietude, dispersando o homem entre a pluralidade da temporalidade e os bens efêmeros. O nó de víboras que envolvia o coração de Luís se fortalecia precisamente porque ele não vivenciava o amor genuíno. Seus afetos estavam voltados para bens passageiros, usados apenas como meios para sua vingança e raiva. No entanto, mesmo imerso na peçonha desses répteis fervilhantes, Luís experimentava um desejo de algo que transcendesse essa realidade, cedendo, ocasionalmente, à tentação cristã. Nesse sentido, apenas esse amor verdadeiro seria capaz de desatar esse nó. Era isso o que o narrador de fato almejava. Por essa razão, é Cristo quem desata esse nó. Somente aquele que veio trazer não a paz, mas a espada, pode desfazer definitivamente esse emaranhado. Era justamente esse o amor que Luís passa a almejar, mas ele reconhece a impotência de alcançá-lo. Nesse sentido, Mauriac reverbera um ideal agostiniano, até mesmo pascaliano, acerca da incapacidade humana de alcançar a salvação pelos méritos próprios.

Nem mesmo os melhores aprendem sozinhos a amar: para suplantá-lo, os vícios e, sobretudo, a imbecilidade dos seres, é preciso dominar um segredo de amor que o mundo já não conhece. Enquanto esse segredo não for redescoberto, em vão serão mudadas as condições humanas: eu achava que era o egoísmo que me alheava de tudo o que diz respeito ao econômico e ao social; e é verdade que fui um monstro de solidão e indiferença; mas também havia em mim um sentimento, uma certeza obscura de que não adianta nada revolucionar a face do mundo; é preciso atingir o mundo no coração. Estou em busca de quem conquiste essa vitória; e seria preciso que mesmo esse ser fosse o Coração dos corações, o centro ardente desse amor.⁵⁸

Em última análise, o que Mauriac expõe no trecho acima tipifica a concepção agostiniana de cisão volitiva ou identidade fraturada. Dessa forma, a incapacidade de apreender a amar genuinamente por si mesmo transparece uma impotência humana de alcançar plenamente a vivência desse amor. Afinal, o que seria a cisão volitiva? Para Agostinho, ela é a expressão de uma identidade fraturada, que se deve mais propriamente à doutrina do pecado original e ao afastamento do homem do Sumo Bem. Se o fundamento da identidade humana⁵⁹ reside em Deus, então o afastamento da divindade beatificante não se limita a uma contradição discursiva, mas atinge o nível da própria essência. Destarte, é na dimensão intravolitiva e na interioridade que Agostinho localiza o conflito ao qual a alma está submetida. O movimento de renúncia à ordem

⁵⁷ AGOSTINHO, 2026, pp.189-191.

⁵⁸ MAURIAC, 2024, p.268.

⁵⁹ Deus constitui o fundamento da identidade humana, enquanto o ser humano preserva a subjetividade de sua própria identidade. Em outras palavras, a dimensão subjetiva da identidade é mantida, permitindo que cada pessoa conserve sua individualidade e experiência pessoal, mesmo dentro da sua relação com o divino.

natural da cosmologia dinâmica é responsável por acorrentar a vontade humana, criando uma cadeia perpetuada e alimentada por ela mesma. O autoaprisionamento da vontade pode ser comparado a uma corrente composta por vários elos, intimamente interconectados, formando uma rede complexa que, em última análise, representa uma cadeia de vícios que intensifica a prisão da vontade. Sob essa perspectiva, o Doutor da Igreja identificou na perversão promovida pela vontade livre a origem dessa complexa cadeia.

Por certo, da vontade pervertida nasce a libido, e quando se obedece a libido, nasce o hábito, e quando não se resiste ao hábito, nasce a necessidade. Por todos eles, como anéis entrelaçados - por isso falo em corrente - uma dura escravidão me mantinha aprisionado.⁶⁰

A vontade perversa configura o primeiro elo na cadeia que aprisiona a própria vontade. Segundo Agostinho, essa sequência é clara e bem delineada: a vontade perversa origina a libido, entendida como o desejo de priorizar bens mutáveis e temporais em detrimento dos bens eternos. Quando a vontade se vê aprisionada pela libido, surge o hábito da má tendência, que perpetua a dinâmica circular de autoenfraquecimento da vontade, que paradoxalmente se torna vítima de si mesma. O hábito, por sua vez, favorece a adesão do homem à sua concupiscência. Assim, o hábito reflete a punição e o castigo de uma vontade livre que abusou dos bens da criação, demonstrando a condição de escravidão que a vontade enfrenta após desviar-se do caminho natural. Em consequência, a vontade humana simultaneamente provoca e sofre seu próprio enfraquecimento; ela é ao mesmo tempo produtora e vítima de sua própria prisão. Por esse motivo, Luís se via sempre aprisionado pelos vícios, pela crueldade e pelo ódio. Quanto mais se entregava aos vícios, mais afundava seu coração em uma tristeza paralisante, que se manifestava nesse vô de víboras que aprisionava sua vontade. Mesmo quando o narrador toma consciência da necessidade de mudança, admite que não consegue desatar por si mesmo esse emaranhado que se formou ao redor de seu coração. Ao vislumbrar sua deficiência estruturante, ao admitir que o seu próprio desejo pela renovação de seu amor já era uma espécie de prece, Luís confessa:

Naquela noite, faltou pouco para que eu me ajoelhasse e apoiasse os cotovelos numa poltrona, como Isa fazia nos verões de outrora, com os três filhos bem juntos ao seu vestido. Eu voltava do terraço rumo àquela janela iluminada; aproximava-me pé ante pé, e invisível no jardim escuro, olhava aquele grupo suplicante: "Prosternada diante de Vós, ó meu Deus - recitava Isa -, eu Vos dou graças por me terdes dado um coração capaz de Vos conhecer e de Vos amar".⁶¹

Diante do exposto, é evidente e categórico o papel destrutivo do hábito na evidência da impotência da vontade em sua tentativa de libertação. A vontade, embora tenha sido capaz de, por si mesma, se vincular a uma corrente tenebrosa, é incapaz de alcançar a liberdade da prisão em que se encontra apenas com suas próprias forças. Agostinho admite que, quando aspirava a servir ao Senhor, enfrentava uma resistência interna significativa. O mesmo se verifica em Luís, que admite sua resistência em até mesmo pedir ajuda a Deus. Daí decorre a imprescindibilidade da graça, especialmente em função da necessidade de pecar, uma necessidade originada do autoaprisionamento da própria vontade. Essa necessidade revela uma incapacidade patológica, ou seja, uma condição em vez de uma característica da natureza; uma deficiência estrutural que impede a realização de uma das opções reais, como a possibilidade de não pecar. Não se trata de afirmar, de forma fatalista, que é impossível não pecar. O mal moral pode, de fato,

⁶⁰ AGOSTINHO, 2017, p.206.

⁶¹ MAURIAC, 2024, pp.268-269.

ser evitado, mas somente se a natureza for restaurada. A necessidade de pecar origina-se da contaminação da natureza pelo vício, embora, no plano da transcendência, a natureza permaneça incólume. Essa contaminação refere-se mais propriamente a uma condição humana pós-queda. Embora o livre-arbítrio permita a possibilidade de não pecar, o homem, após a Queda, necessita de uma liberdade genuína para superar o pecado, isto é, precisa da graça para finalmente se liberar do mal moral e buscar firmemente o Bem Supremo.

Era eu em ambos os casos: mais eu, porém, naquilo que aprovava em mim, do que naquilo que em mim desaprovava. Nisto, com efeito, eu não era eu, porque em grande parte consentia contra a vontade ao que fazia voluntariamente. Contudo, era eu quem tornava o hábito mais resistente contra mim, buscando voluntariamente o que não queria buscar.⁶²

O único remédio para a situação descrita é a graça divina, que tem o poder de reverter a cisão volitiva. Pode-se afirmar que a graça, enquanto dom divino, opera uma restituição essencialmente voltada para a restauração do livre-arbítrio, proporcionando-lhe o suporte necessário para alcançar a plena liberdade. Portanto, o debate até aqui não se concentrou na existência ou não do livre-arbítrio do homem, pois essa questão nunca foi posta em dúvida. Além disso, não se estabeleceu um problema entre o livre-arbítrio, a vontade e a graça. A questão central e estruturante era se amar a Deus está ao nosso alcance. Sem dúvida, a capacidade de realizar o que se escolhe transcende a própria vontade, visto que o poder para concretizar uma decisão deliberada é a própria liberdade, entendida por Agostinho como autodeterminação orientada para Deus e sustentada pela graça.

Como bem apontado na obra, Luís encontrou sua redenção e ela só foi possível em razão da graça. Isso é nítido em dois momentos da história. Em seus momentos finais, Luís está ao lado de sua neta, Janine, consolando-a num momento de carência afetiva e frustração amorosa.

Vislumbrando o semblante triste de sua neta, Luís a indaga acerca da religião. Afinal, sendo ela religiosa, não seria capaz de enxergar contentamento no Evangelho? No entanto, Janine parece reduzir o cristianismo aos ritos e cerimônias, não extraindo dele significados mais profundos.

Ela mesmo dizia que não gostava de misturar a religião com esses sentimentos que a afligiam. A fé era exclusivamente ritualística. Luís apenas abraçou sua neta com um amor que acalentava o seu coração. Esse era o amor que outrora ele havia perdido. Esse era o amor cristão.

Sua hostilidade à religião não era ao cristianismo verdadeiro, mas a uma paródia da vida cristã, o chamado “cristianismo burguês”. O que ele tinha tanto abominado a vida inteira, “era isso, só isso: a caricatura grosseira, a paródia medíocre da vida cristã; nisso eu tinha fingido ver uma representação autêntica dela para ter o direito de odiá-la. É preciso ousar olhar de frente aquilo que se odeia”.⁶³ Ora, se ele pôde afirmar isso agora, é porque foi capaz de enxergar, com maior vivacidade, o verdadeiro Evangelho, a verdadeira piedade cristã. Momentos antes de falecer, Luís escreve:

Dava voltas, impotente, em torno daquele bloco humano, daquele corpo prostrado. “Minha menina...” Eu não encontrava a palavra que procurava. O que me sufoca, esta noite, enquanto escrevo estas linhas, o que machuca meu coração como se

⁶² AGOSTINHO, 2027, p.207.

⁶³ MAURIAC, 2024, p.289.

ele fosse se romper, esse amor cujo nome finalmente conheço, cujo nome ador...”.⁶⁴

Sendo assim, fica subtendido o que Luís havia sentido, o amor verdadeiramente cristão. Após sua morte, o leitor tem contato com a carta de sua neta, Janine, endereçada para seu tio Hubert, que havia privado dela o acesso às cartas de seu avô. Ela confessa que foi capaz de enxergar no seu avô a conversão cristã. Admite que viu nele, em seus momentos finais, os sinais de um verdadeiro cristão. “[...] foi tocado por uma luz admirável em seus últimos dias e foi ele, só ele, que naquele momento tomou minha cabeça com as duas mãos e forçou-me a desviar o olhar [...] o senhor vai me entender se eu afirmar que onde estava sua riqueza não estava o seu coração”.⁶⁵

Além disso, é interessante notar que ninguém, exceto sua neta, compreendia o que se passava com Luís em seus momentos finais. Seus filhos, acreditando que ele havia enlouquecido, recusaram-se a perdoá-lo. Esse cenário revela um certo pessimismo na obra de Mauriac, um pessimismo influenciado por Pascal. Embora a redenção tenha transformado o essencial — desatando o nó de víboras —, o acidental permaneceu inalterado. A opinião de seus filhos sobre ele não mudou. Com exceção da lembrança de sua neta, a memória de Luís ficou associada à imagem de um homem louco, moralmente inconstante e imprevisível. Apesar da redenção, não parece ter havido uma restauração genuína em seus relacionamentos. A conversão pode ser uma cura essencial, mas não total. Não há possibilidade de restauração total. Nesse sentido, cabe uma reflexão de Gérard Lebrun em sua obra *Blaise Pascal: Voltas, Desvios e Reviravoltas*:

A conversão não fará o incrédulo passar de um mundo para o outro, das trevas para um meio-dia radioso. Tudo o que ele ganhará em dar esse passo é entrever a economia secreta do caos- de que ele continuará a ser o habitante. Que ele não espere ser inundado por uma luz nova; ele espreitará somente com mais segurança os sinais do divino, mas sem que seja dissipada a penumbra.⁶⁶

Por fim, antes de adentrar nas reflexões propriamente pascalianas presentes na obra, cabe um fechamento do arcabouço agostiniano presente na narrativa, sobretudo, do paralelo com as *Confissões*. Conforme exposto anteriormente, há um movimento de descida, semelhante ao processo de queda do espírito na matéria. Luís, inicialmente imerso em seus vícios, começa a escrever uma carta que constitui o romance, em um exercício de confissão. Esse ato lhe permite contemplar a verdade sobre si mesmo. Em certos momentos, ele trai seus propósitos iniciais, revelando aspectos positivos de sua personalidade. Após um evento inesperado, ele começa a reconsiderar suas ações, reconhecendo sua culpa e iniciando um movimento de ascensão. Assim, é a partir de si próprio que ele estabelece um caminho que o conduz não apenas à verdade, mas à Verdade como o princípio fundante da realidade. Trata-se de um movimento semelhante realizado por Agostinho nas *Confissões*. “É a partir de si mesmo e de sua situação – de um ego dilacerado por vícios e disperso na multiplicidade e na temporalidade – que Santo Agostinho irá avaliar a possibilidade de acesso a Deus”.⁶⁷

⁶⁴ MAURIAC, 2024, p. 289. A carta de Luís se encerra abruptamente, interrompendo seu pensamento antes de alcançar uma conclusão explícita. Isso sugere, de forma sutil, a iminência de sua morte. Ainda assim, é possível inferir que ele pretendia afirmar que aqueles breves momentos de carinho e amor que experimentou foram, em última análise, uma dádiva divina.

⁶⁵ MAURIAC, 2024, pp.301-302.

⁶⁶ LEBRUN, 1983, pp.105-106.

⁶⁷ SILVA FILHO, 2021, p.12.

Além disso, deve-se frisar a temática da mediação necessária e da incomensurabilidade entre o finito e o infinito. Como bem exposto por Luís, nem mesmo os melhores homens apreendem a amar por suas próprias forças. A comunicabilidade entre o eterno e o mutável pressupõe o socorro de Deus. Se a transcendência é possível, “ela exige mediação e iniciativa estabelecidas pelo divino. Desse modo, a exigência é a de um socorro divino, que se dá mediante a encarnação de Cristo”.⁶⁸ O homem por si só é incapaz de alcançar a salvação. Por si mesmo, ele é impotente para suplantar esses vários planos de contradição, que se manifestam, mais propriamente, na cisão volitiva.

Os vários planos de contradição da condição humana são ainda explicitados por meio do conflito paulino entre querer e fazer, por meio do paradoxo do homem que quer o que não faz e faz o que não quer [...] para um sujeito com a racionalidade cindida, não pode haver harmonia essencial entre ser, pensar e dizer. Talvez estejamos diante de um autor que, pela primeira vez na história, tematizou, de forma orientada, uma contradição real ou existencial, não mais exclusivamente predicativa, restrita à jurisdição da linguagem, como na filosofia aristotélica [...] não há “harmonia essencial” ou adequação pressuposta entre o mundo e a linguagem, na verdade o que se passa é bem o contrário. Talvez o maior problema filosófico presente e crescente nos mais de quarenta anos de produção da obra agostiniana seja a cisão entre o ser e o dizer, ou, de forma mais fiel a Agostinho, entre natureza e condição humana.⁶⁹

Para que seja possível a superação dessa contradição real, é indispensável um socorro divino, que se manifesta na encarnação de Cristo. O primeiro passo reside no reconhecimento da insuficiência das próprias forças. Essa é uma mensagem reiterada ao longo do drama da história. Afinal, somente aquele que veio trazer a espada (Mt. 10: 34-39) pode desatar em definitivo o nó de víboras. O exercício de confissão de sua deficiência estruturante tipifica uma postura de humildade, tida como condição necessária dessa ascensão espiritual.⁷⁰ Em *O Nó de Víboras*, a intervenção de Cristo ocorre, mas não de modo explícito, o que corrobora ainda mais com a profunda significação da mensagem da obra: aqueles que possuem o espírito de humildade reconhecerão quem foi o responsável por desatar completamente esse emaranhado que havia se formado ao redor do coração de Luís. A perspectiva de Mauriac é eminentemente cristológica. Isso é nítido em várias de suas obras, como em *O Filho do Homem*⁷¹ e *O pensamento vivo de Pascal*.⁷²

A ênfase de Mauriac na obra redentora de Cristo se aproxima muito da apologia cristã pascaliana, cuja estruturação gravitava em torno da oposição aos jesuítas e de sua moral casuística. A defesa da primazia da graça divina, aliada à apologia de uma

⁶⁸ SILVA FILHO, 2021, p.13.

⁶⁹ SILVA FILHO, 2021, pp.22-26.

⁷⁰ O elogio ao “espírito de humildade” é um tema constante na obra de Agostinho. De fato, a importância da humildade não se limita ao aspecto moral, mas se estende ao campo literário. Como observa Erich Auerbach, Agostinho era firme em defender tanto a legitimidade literária quanto a dignidade filosófica do texto bíblico. Para o Bispo de Hipona, as Sagradas Escrituras possuem valor não apenas em seu conteúdo, mas também em sua forma literária. A Bíblia, ao empregar o chamado “discurso ou sermão humilde”, utilizava recursos e técnicas modestas para tratar de temas grandiosos e elevados, ao mesmo tempo em que, ao abordar questões simples e cotidianas, incorporava elementos de um estilo épico. Agostinho identificava nessa abordagem uma virtude literária notável e, de certa maneira, imitava a “prosa humilde” ao incorporar em seus escritos uma estilística semelhante à do texto bíblico. Cf. AUERBACH, Erich. *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*. São Paulo: Duas Cidades e Editora 34, 2012. Ademais, Cf. FLORES, Ralph. *Reading and Speech in St. Augustine’s Confessions*, *Augustinian Studies* 6 (1975) 1-13.

⁷¹ Cf. MAURIAC, François. *O Filho do Homem*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1962.

⁷² Cf. MAURIAC, François. Apresentação. In: PASCAL, Blaise. *O pensamento vivo de Pascal*. São Paulo: Livraria Martins Fontes; Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

moralidade rigorosa, encontrou forte resistência por parte dos jesuítas às teses jansenistas. De modo geral, a ordem jesuítica defendia uma posição teológica que exaltava o livre-arbítrio, destacando suas capacidades para alcançar o Sumo Bem. Nessa visão, a graça divina seria vista apenas como um auxílio secundário na obtenção da salvação. Além disso, os jesuítas apoiavam, por meio da casuística, uma moral considerada "laxa, permissiva e frouxa". No contexto das controvérsias entre jansenistas e jesuítas, Pascal escreveu *As Cartas Provinciais*, uma obra composta por uma série de cartas publicadas anonimamente. De maneira geral, o texto era uma sátira contundente às posições teológicas dos jesuítas, especialmente sua visão otimista da natureza humana e sua moralidade permissiva e indulgente. A ironia de Pascal⁷³ se concentra principalmente na ideia de que a salvação está ao alcance das potencialidades da vontade humana.

Após se envolver na controvérsia contra os jesuítas, Pascal decidiu escrever uma defesa da religião cristã, utilizando argumentos filosóficos para sustentar o cristianismo. No entanto, como mencionado anteriormente, o pensador francês nunca concluiu a obra, que acabou por se tornar um conjunto de fragmentos preparatórios. Esses fragmentos compõem o livro *Pensamentos*, no qual Pascal expressa uma visão pessimista da natureza humana e destaca, de forma preeminente, uma teologia da graça inspirada em Santo Agostinho. É nesse texto que se revela, de maneira mais explícita, a antropologia pascaliana. Em linhas gerais, o homem é descrito como servo do pecado, dominado pelas paixões e controlado pelo orgulho, tornando-se incapaz de evitar o pecado, pois, após o pecado original, o amor a Deus deixou de habitar em seu coração. "Esse amor permitia a Adão dimensionar seu afeto pelas outras coisas, relacionando-se com elas apenas como meios para alcançar Deus. Depois do pecado, o amor a Deus abandonou o coração do homem, cujo vazio foi preenchido por um amor de si mesmo desmedido".⁷⁴ Na filosofia de Pascal, a doutrina do pecado original emerge como uma chave interpretativa fundamental para compreender a condição humana. Após a Queda, a conexão com o sobrenatural torna-se inacessível à vontade humana. Isso reflete uma negação da suficiência da natureza, e o indivíduo experimenta essa insuficiência como um sentimento de vazio, manifestando-se como uma miséria existencial. Imersos nos efeitos sombrios do pecado original, os seres humanos renunciam à sua vocação sobrenatural, optando por um projeto humanista-naturalista. Contudo, qualquer tentativa de alcançar a felicidade de forma exclusivamente individual está inevitavelmente destinada ao fracasso.

É interessante observar como Pascal classifica os projetos humanos de busca pela felicidade como meros "divertimentos" ou "distrações", simulacros da verdadeira felicidade. Mas por que os homens se apegam tanto a essas distrações? De qual realidade eles tentam escapar? O indivíduo busca incessantemente se afastar de si mesmo, fugindo da insuficiência de sua natureza, ou melhor, do que restou dela após os efeitos da queda adâmica: um vazio angustiante. Quando as pessoas se veem privadas dessas distrações, são forçadas a confrontar esse vazio e são consumidas pelo tédio. Ao se encontrarem a sós, sem as distrações que as afastam de sua própria realidade, o

⁷³ "De fato, na maioria das *Cartas* (da primeira à décima), o filósofo adota a estratégia de se pronunciar pela boca de uma curiosa personagem- inocente e perfeitamente ignorante em matéria de teologia- que se propõe a tarefa de comunicar certas 'novidades' a um provinciano amigo seu. Ao narrar acontecimentos, disputas e declarações a partir do ponto de vista de um incipiente, Pascal consegue fazer com que o homem comum possa entender toda a falta de razão que permeia o discurso daqueles que perseguem Port Royal: despidas de sua roupagem pomposa, as declarações dos doutores de Sorbonne não passam de vento" (MANTOVANI, 2017, p. 20).

⁷⁴ OLIVA, 2019, p.81.

coração humano é invadido por uma melancolia profunda, resultado da consciência de sua total insuficiência e da incapacidade de alcançar a verdadeira felicidade e realização plena.

O filósofo francês estabelece uma relação de causa e efeito entre o mal físico (sofrimento) e o mal moral (pecado). A natureza humana, embora tenha decaído de um estado superior, ainda preserva vestígios desse estado original. De certa forma, coexistem duas naturezas no homem: a natureza decaída, evidente em sua condição atual, e a natureza incorruptível, cuja ausência sentimos como uma perda a ser resgatada. Após a transgressão do primeiro homem, toda a humanidade foi corrompida, marcada por uma mancha sombria que alimenta e intensifica o mal moral. A solução para a conjuntura acima mencionada reside, de maneira central, na figura de Cristo e em sua obra redentora. Na cruz, morreu Deus, cuja perfeição incomensurável se uniu ao homem, um ser miserável, contingente e finito, imerso em contradições. A união hipostática, portanto, surge como um elemento crucial para compreender a dualidade inerente à condição humana. Aliás, Mauriac, no sentido pascaliano, reitera que o cristão se encontra sempre num processo de conversão, na medida em que a decisão pela conversão deve ser reafirmada constantemente. O envolvimento com Cristo pressupõe coragem e determinação.

O filósofo francês confere uma eminência especial à obra redentora, destacando sua preferência por uma fé que é essencial e indispensável. A apologia pascaliana, ao contrário da abordagem Escolástica, não se preocupa com provas racionais da existência de Deus. Essas tentativas, além de insuficientes e limitadas, poderiam reduzir a grandeza do amor divino a conceitos abstratos. Pascal enfatiza a importância de que o homem reconheça sua finitude e sua situação paradoxal, principalmente para perceber a necessidade do auxílio divino, manifestado sobretudo na graça. Mauriac expressa toda essa teologia em sua obra *O Nó de Víboras*, desde os efeitos téticos e alienantes do pecado original até a eminência da figura de Cristo como Aquele responsável por rasgar o véu pecaminoso que cobre o coração humano. Em sua literatura, Mauriac é agostiniano e pascaliano. Sendo assim, ele mesmo afirma em *O Pensamento Vivo de Pascal*:

Todo homem que pensa, mesmo sendo um libertino, aproxima-se de Pascal como este se aproxima de Montaigne. Tendo-se apaixonado pelo conhecimento das singularidades e contradições do homem real, o mais ínfimo de seus pensamentos toca um ponto sensível em nós, desperta com segurança uma correspondência. Pascal continua sendo, no sentido mais profundo, nosso semelhante, adaptado à parte mais singular, mais individual de nós mesmos. Com razão, compara os homens a órgãos, instrumentos que sabe tocar e cujas teclas conhece [...] Um pecador, um convertido, nunca se encontra solitário: o grande Pascal é o irmão de todos os pecadores, de todos os convertidos, de todos os feridos cuja ferida, pode voltar a abrir-se a qualquer momento, a esses que Cristo levou para muito longe e que somente confiam no amor dele.⁷⁵

Em vista disso, o romance *O Nó de víboras* pode ser qualificado como uma grande exposição, em forma de narrativa, acerca do pensamento pascaliano e da filosofia agostiniana, mobilizando temas acerca da anterioridade do amor, das contradições da condição humana, da interioridade da verdade e da mediação necessária.

Considerações finais

⁷⁵ MAURIAC, 1975, pp.21-22.

Há autores que são capazes de dialogar com vários campos do saber humano com muita propriedade. François Mauriac certamente é um deles. Além da maestria testada e consagrada na Literatura, ele também se envereda com propriedade e autoridade por temas filosóficos e teológicos. No artigo desenvolvido até aqui, foi possível perceber como Mauriac mobilizou conceitos e teses de duas grandes tradições filosóficas que dialogaram ao longo de suas vidas com os desafios impostos à tradição cristã. Agostinho e Pascal tiveram em Mauriac não somente um leitor atento, mas principalmente um arguto crítico social, que soube como poucos aplicar de maneira crível os ensinamentos extraídos dos filósofos cristãos.

O romance *Nó de Víboras* é uma obra provocativa do começo ao fim, que impõe aos leitores possibilidades múltiplas de interpretações, despertando o prazer da leitura e provocando reflexões necessárias e oportunas. Neste sentido, é importante frisar que ela não é uma obra que necessita de um guia para revelar suas teses ocultas, o leitor que se deparar com ela, certamente poderá lê-la dentro do seu universo de compreensão. Em que pese tudo isso, nós resolvemos explorar e descrever com um pouco mais de profundidade as teses e os conceitos filosóficos e teológicos que estão presentes na obra, mas que nem sempre ficam evidentes para os leitores que não estejam acostumados com tais áreas do conhecimento. Tentamos mostrar como um autor que se dizia cristão, mas que ao mesmo tempo revelava-se um profundo crítico do cristianismo dos seus dias, pôde desnudar as agruras e as incongruências de uma religiosidade vivida de forma superficial. A secularização é tratada não como um mal para a religião, mas como um desafio que exige uma vivência real dos princípios religiosos. Temas como pecado, culpa e redenção abundam na obra, os personagens são demasiadamente humanos, revelando para o leitor algumas coisas muito comuns e cotidianas, promovendo uma identificação sem muito esforço. Entre o absurdo da existência e a tragédia como algo inevitável, Mauriac consegue fazer metafísica no concreto, isto o torna diferente e especial para os estudiosos da temática trabalhada neste artigo.

Referências

- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Sobre o sermão do Senhor na montanha**. São Paulo: Filocalia, 2016. (Coleção Grandes comentadores)
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017. 2ª. ed.
- AGOSTINHO, Santo. **Sobre a mentira**. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2021. (Coleção Folha Os pensadores; v.8)
- AUERBACH, Erich. **Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica**. São Paulo: Duas Cidades e Editora 34, 2012.
- BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- BRACHTENDORF, Johannes. **Confissões de Agostinho**. 3ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2020.
- CAPANAGA, Victorino. **Agustín de Hipona: maestro de la conversión cristiana**. Madrid: Editorial Católica, 1974. (Biblioteca de Autores Cristianos - Série Maior, 8).
- CARPEAUX, Otto-Maria. Mauriac? In: **Ensaio Reunidos**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- CORÇÃO, Gustavo. Mauriac e seus críticos. **Permanência**. Disponível em: <https://permanencia.org.br/drupal/node/568>. Acesso em: 15 Ago. 2024.

- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Introdução ao pensamento ético-político de Santo Agostinho**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **10 lições sobre Agostinho**. Petrópolis: Vozes, 2014. 4ª ed. (Coleção 10 lições)
- EAGLETON, Terry. **Esperança sem otimismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2023.
- EMPERADOR, Julia. **El Burdeos de François Mauriac**. Disponível em: <https://www.lavanguardia.com/participacion/las-fotos-de-los-lectores/20240913/9936408/suerte-desigual-vinedos-catalunya.html>. Acesso em: 15 Ago. 2024.
- FLORES, Ralph. **Reading and Speech in St. Augustine's Confessions**, Augustinian Studies 6 (1975) 1-13.
- KIERKEGAARD, Soren. **The sickness unto death**. Harmondsworth: Penguin Books, 1989. [Ed. bras.: O desespero humano. São Paulo: Editora Unesp, 2017.]
- LEBRUN, Gérard. **Blaise Pascal: Voltas, desvios e reviravoltas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- MANTOVANI, Ricardo Vinícius Ibañez. **10 lições sobre Pascal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- MAURIAC, François. **O Filho do Homem**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1962.
- MAURIAC, François. **O pensamento vivo de Pascal**. São Paulo: Editora Martins Fontes; Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- MAURIAC, François. Le roman noir. In: MAURIAC, François. **La paix des cimes – Chroniques 1948-1955**. Paris: Bartillat, 1999.
- MAURIAC, François. **Correspondance intime**. Réunie et présentée par Caroline Mauriac. Paris: Robert Laffont, 2012.
- MAURIAC, François. **O Nó de Víboras**. Lisboa: Publicações Europa-América, 2017.
- MAURIAC, François. **Nó de víboras**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2024.
- MORAES, Gerson Leite de. O Salto da Fé em Kierkegaard. **Revista Phrónesis**, Campinas, v.4, n.1, p.107-122, jan/jun, 2002.
- OLIVA, Luís César Guimarães. **O mal**. São Paulo: Almedina, 2019.
- OLIVEIRA, Andressa Cristina de; EZARQUI, **Carla Alexandre**. **A consciência do mal em Le Noeud de vipères de François Mauriac**. Miscelânea, Assis, v. 23, pp. 237-257, jan.-jun. 2018.
- PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SILVA FILHO, Luiz Marcos da. **Como ler Santo Agostinho: terapia da alma e felicidade**. São Paulo: Paulus, 2021.
- SIMON, Pierre-Henri. **Mauriac par lui-même**. Paris: Éditions du Seuil, 1953.